

A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES*



Carla Jaciara Jaruzo**, Lusival Antonio Barcellos***

Resumo: *o presente artigo remete ao diálogo entre as ciências das religiões e a psicologia da religião, trazendo como objetivo compreender a psicologia da religião como um dos pilares das ciências das religiões, como ela surge e se constitui. Para tanto, pontua definições e conceitos acerca de religião, das ciências das religiões e e da psicologia da religião, também explana a forma como se estabeleceu em alguns países. Também menciona nomes dados à Psicologia da Religião na visão de psicólogos, teólogos, filósofos e pesquisadores interessados neste prisma. Sobretudo, esta é uma pesquisa fundamentada através de revisões bibliográficas acerca de autores fundamentais como Usarski, Filoramo, Prandi, Valle e Asad, que traçaram definições e perspectivas a respeito da Psicologia para desta forma embasar toda constituição histórica e contextualização da psicologia da religião e das ciências das religiões para uma melhor compreensão do seu surgimento.*

Palavras-Chave: *Psicologia da Religião. Ciências das Religiões. Desafios e Contribuições.*

Religio é uma palavra latina, à qual remonta, descreve a “atuação como consideração” ou a “observância cuidadosa”. A busca pelo conceito e pelo termo religião leva imediatamente ao centro da Ciência da Religião, porém, um dos problemas na definição do termo “religião” reside no fato de que o próprio termo nasceu num contexto cultural e histórico muito específico. Para os romanos, a palavra *religio* é entendida como “culto aos deuses”, “cultivo” ou “adoração” dos deuses, trouxesse principalmente o aspecto da exatidão ritual, da atuação correta no ato religioso, o termo pode ser interpretado em vários sentidos. Klaus Hock (2010)

* Recebido em: 11.09.2019. Aprovado em: 18.11.2019.

** Mestranda em Ciências das Religiões (UFPB). *E-mail:* carla.santos.saude@gmail.com

*** Doutor em Educação. Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (UFPB). *E-mail:* lusivalb@gmail.com

aborda o conceito por Lactânio, um escritor e orador cristão do século III/IV, trazendo um outro significado: ele deriva *religio* de *religare* – ligar, ligar de novo, ligar de volta, levar de volta. Também traz o grande teólogo cristão Agostinho, que define e descreve *religio vera* - a “religião verdadeira” (HOCK, 2010).

Alguns cientistas sustentam que a religião fundamenta-se na superstição e pertence a um estágio primitivo da humanidade, ao passo de que a ciência avança e proporciona soluções para os problemas modernos. Outros, porém, reconhecem que a religião coloca perguntas diferentes das colocadas pelas ciências e que ela ainda é necessária para viver uma vida boa e para dar sentido e finalidade à existência (CRAWFORD, 2005, p. 9).

Segundo Silveira (2018), a questão das religiões, ou da religião, é cada vez mais importante no Brasil e no mundo. Os inter cruzamentos entre o religioso, a espiritualidade, a saúde, a sexualidade, a política (secularização, laicidade, ensino religioso), para falar apenas de alguns exemplos, mostram a vitalidade do religioso, como força social progressista ou reacionária. Desta forma, também, se adequa a sociologia das religiões, a antropologia das religiões, a psicologia das religiões, dentre tantas outras especialidades.

Como antropólogo, para o autor citado, não há uma Ciência da Religião ou uma Ciência das Religiões. No primeiro caso, tendo como objetivo a religião no singular, como sentido abstrato de um fenômeno humano, ou no segundo caso, uma ciência que reconhece as tradições coletivas que expressam o mesmo fenômeno através de suas incontáveis instituições. Preferimos reconhecer que há um campo de disciplinas, denominado Ciências da Religião ou das Religiões. Ciências aqui no plural, porque se trata de um campo que abarca a confluência de diferentes saberes, para estudar o fenômeno religioso, em sua inesgotável complexidade (SILVEIRA, 2018).

A pergunta seria: qual a definição mais concreta do objeto que estamos abordando? E muitos são os debates internos a cerca desta definição de religião. As ciências das religiões não constituem uma disciplina à parte, fundada, como gostaria a tradição hermeneuticamente orientada, como na unidade de objeto, sendo a religião, e na unidade do método, a compreensão hermenêutica. Um campo disciplinar, uma estrutura aberta e dinâmica (FILORAMO; PRANDI, 1999). E esta discussão sobre a religião como objeto de estudo, surge no final do século XIX e início do século XX, pressupondo este *locus* hermenêutico, de quem se quer localizado no topo da evolução da humanidade (WIRTH, 2013).

Quase todas as definições se reportam ao psicólogo da religião James Leuba, conhecido como um dos precursores psicólogos da religião, no início do século XX tinha reunido inúmeras definições, quase cinquenta definições diferentes de “religião”, mas todas foram rejeitadas, oferecendo a sua própria como alternativa. Desde então, os vários ensaios e provas para definir “religião” apresentaram um número que já não pode ser registrado e sua mera enumeração já está além das possibilidades deste estudo. Mesmo existindo inúmeras definições de “religião” diferente uma da outra, com características distintivas, ne-

nhuma delas foge do contexto principal que estudar religião é o caminho para entender outras coisas e problemas que diz respeito à cultura (HOCK, 2010). Como teólogo, Klaus Hock (2010) cita que as questões psicológico-religiosas têm uma importância muito além da área da Psicologia da Religião no sentido mais estrito: a Psicologia deve levar em conta o “fator da religião”, da mesma forma como, vice-versa, a consideração da influência de disposições e processos psíquicos têm sua importância para a Ciência da Religião.

A Psicologia apresenta uma aproximação com a ciência/religião, assumindo diversos aspectos, onde a psicologia interliga e conversa com as ciências biológicas e naturais e as ciências históricas e hermenêuticas, não podendo ser vista uma separada da outra (PAIVA, 2002, p. 522, 566). Desta forma e por essas razões, a psicologia traz uma aproximação das ciências naturais e biológicas, onde a questão da religião e ciência assume diversas feições. Tomando como referencial autores citados nesta pesquisa, Rodrigues e Gomes (2013), consideram que por um lado, a religião pode ser considerada uma realidade humana, e por outro lado, um processo histórico, entendendo que a religião é uma instituição social que discute a realidade que transcende a humana, repetindo dinamicamente em diversos signos, símbolos, mitos e ritos nas diversas organizações humanas. Sendo assim, esta abordagem da religião, é interesse da Psicologia o ser humano na qualidade de religioso, crente ou não, mas que busca suas motivações, desejos, experiências, atitudes e expressões comportamentais.

Valle (2007) explica que para chegar a uma compreensão mais abrangente de seu objeto, a Psicologia da Religião deve, na medida do possível, aproximar-se dele por meio de confrontações e modelos teóricos trans e multidisciplinares, sem renunciar a seu próprio prisma de análise e metodologia. A Psicologia da Religião permeia os campos da Psicologia e da Religião, apresentando dificuldades em delimitar seu espaço de atuação, inclusive entre os próprios psicólogos.

Sendo assim, surgiu um grande interesse em abordar as questões que envolvem a psicologia da religião, como não sendo uma categoria distintiva, mas sim como uma forma contributiva de interesse de diferentes estudiosos para a referida área e como um dos pilares das ciências das religiões.

CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES – Conflitos para definição e conceito

O termo *Ciência da Religião* refere-se a um empreendimento acadêmico que, sustentado por recursos públicos, norteado por um interesse de conhecimento específico e orientado por um conjunto de teorias específicas, dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais. O início e a velocidade da internacionalização da Ciência da Religião variam de país para país, mas dependendo de uma série de fatores intra e extra-acadêmicos (USARSKI, 2013). Teixeira (2001, p. 16) afirma que, na segunda metade do século XIX, surge a Ciência da Religião, entendida como “[...] matéria aca-

dêmica institucionalizada nas universidades europeias”, facultando um aprofundamento do “saber sobre as religiões”. Apesar dos esforços no sentido de dar coerência e consistência aos estudos realizados nesse novo campo disciplinar, percebe-se, ainda, falta de clareza epistemológica. Mendonça (2001) menciona:

Na visão de Pierre Gisel, quando se diz ciência da religião há incertezas tanto quanto ao método, quanto ao objeto. As dificuldades já se iniciam com o nome: há uma ciranda de nomes envolvendo esse novo campo: ciência da religião, ciências da religião, ciências das religiões. Alguns autores preferem trabalhar com o modelo alemão, da Religionwissenschaft, privilegiando a ciência da religião em sentido unívoco, visando captar a especificidade da religião (MENDONÇA, 2001, p. 109, grifo do autor).

Cruz e Mori (2011) reforçam que cada conjunto de conceitos e respectivas definições e articulações nos fornece uma proposta de conhecimento do aspecto da realidade a que eles se referem, o que envolve um exercício de epistemologia.

Teixeira (2001) cita que na segunda metade do século XIX surge a Ciência da Religião, entendida como “matéria acadêmica institucionalizada nas universidades europeias”, facultando um aprofundamento do “saber sobre as religiões”. E apesar dos esforços no sentido de dar coerência e consistência aos estudos realizados nesse novo campo disciplinar, verifica-se ainda ausência de clareza epistemológica. O autor citado menciona a visão de Pierre Gisel, quando diz “Ciência da Religião” há incertezas tanto quanto ao método como quanto ao objeto. As dificuldades já se iniciam com o nome, havendo uma ciranda de nomes envolvendo esse novo campo: Ciência da Religião, Ciências da Religião, Ciências das Religiões; sendo que alguns autores preferem trabalhar com o modelo alemão, privilegiando a ciência da religião em sentido unívoco, visando captar a especificidade da religião. Cruz (2011) reforça que cada conjunto de conceitos e respectivas definições e articulações nos fornece uma proposta de conhecimento do aspecto da realidade a que eles se referem, o que envolve um exercício de epistemologia.

O século XIX caracterizou-se por um processo de ramificação das ciências naturais e das ciências humanas, em meio às profundas transformações por que passou o Ocidente, em seu conjunto, onde, desta forma, a cultura europeia foi colocada diante de novas exigências de definição da própria capacidade de leitura tanto da sociedade ocidental tanto das que estabelecem relação com ela. O estatuto epistemológico das ciências da religião não é, porém, apenas efeito e consequência do debate epistemológico mais amplo. Ele reflete e, ao mesmo tempo, traduz questões e problemas internos ao campo disciplinar em debate. O autor se posiciona e cita quatro alternativas em jogo, para refletir problemas de fundo próprios desse campo de estudo. O autor traz um questionamento: Ciência da Religião ou Ciências das Religiões? Para estas alternativas, no plano lógico, elas nascem da possibilidade de cruzar uma singularidade ou

pluralidade de método com uma singularidade ou pluralidade de objeto (FILORAMO; PRANDI, 1999).

O termo Ciência da Religião tende, de um lado, a pressupor a existência de um lado, a existência de um método científico, e do outro lado, um objeto unitário. E para autores que preferem falar Ciências das Religiões, está convencido tanto do pluralismo metodológico quanto do pluralismo do objeto. Sendo assim, há duas soluções intermediárias entre esses dois extremos. Haverá quem fale de ciência das religiões ou, então, quem prefira falar ciências da religião. Concluindo, o autor cita que as ciências das religiões é um capo disciplinar e, como tal, uma estrutura aberta e dinâmica (FILORAMO; PRANDI, 1999, p. 12).

Para Kant (2004), a religião é compreendida mais como uma construção cultural e humana do que uma revelação divina. E diante das questões religiosas, admitindo este horizonte, é que se poderia posicionar a religião no seu contexto cultural, e interpretar o mesmo dentro das ciências culturais ou humanas. Isto é, com métodos da sociologia, antropologia, psicologia, história ou até certo ponto da fenomenologia. Tendo em vista, desta forma, a inter, trans e multidisciplinaridade dos campos a serem estudados.

Crawford (2005) faz uma reflexão a partir das definições de religião trazidas pela antropologia, sociologia, psicologia, biologia, filosofia, teologia e história, pelos seus inúmeros representantes: Martin Buber, E. B. Tylor, Peter Connolly, Sigmund Freud, Rudolf Otto e outros. Talvez as definições sejam complementares e não contraditórias, com a possibilidade de unir e combinar elementos de cada uma delas para formar uma definição satisfatória. Se a definição for ampla demais, pode também ser estreita e não conseguir captar algo que é essencial. Greschat (2005, p. 24) define: “religião como totalidade torna-se um divisor de águas entre cientistas da religião e outros cientistas que se ocupam apenas esporadicamente da religião.”

Segundo Coutinho (2012, p. 186):

Embora apareça também a definição funcional, privilegia-se a parte substantiva, pois com ela se pode medir o avanço da secularização. Olhando apenas para a primeira, valoriza-se o regresso do sagrado, na sua forma sincrética ou heteróclita, pois a sua metamorfose implica a sua permanência. Na substância a religião pode mudar, mas na função mantém-se. A definição proposta conjuga todos os bons contributos dos autores selecionados, referindo aquilo que descreve as religiões tradicionais, nomeadamente o catolicismo.

Dessa forma, Coutinho (2012, p. 187) menciona que, em relação às proposições analisadas, pretende diferenciar-se pela conjugação da simplicidade com a extensão das componentes utilizadas:

Em termos substantivos, a religião é um sistema composto por descrições do sagrado, respostas ao sentido do mundo e da vida (crenças), meios, sinais, experi-

ências de ligação a esse sagrado (práticas), orientações normativas do comportamento (valores) e atores coletivos com regras e recursos próprios (coletividades). Em termos funcionais, a religião permite regular e justificar a conduta individual (normativa), providenciar coesão social (coesiva), consolar e aliviar (tranquilizante), fortificar a vontade (estimulante), dar sentido à vida (significante), possibilitar a experiência do sagrado (experiencial), crescer e amadurecer (maturativa), proporcionar identidade (identitária) e ministrar salvação (redentora).

Todavia, Coutinho (2012) define a religião de forma funcional, e suas funções poderão ser várias, como citadas anteriormente: normativa, coesiva, tranquilizante, estimulante, significativa, experiencial, maturativa, identitária e redentora.

De acordo com Talal Asad (2010), não pode haver uma definição universal de religião pronta, não apenas porque seus elementos constituintes e suas relações são historicamente específicos, mas porque essa definição é, ela mesma, o produto histórico de processos discursivos. O professor da História da Religião da Universidade de Marburgo, na Alemanha, Hans-Jürgen Greschat, informa que o termo religião, carregado de conteúdos diversos e extraordinários, não serve como expressão inequívoca, como conceito. Sendo considerada como uma palavra, nome ou conceito, não é idêntico ao objeto a ser nomeado ou definido. “O fato de não possuímos uma definição universal de religião é um defeito, mas não é uma catástrofe, uma vez que o objeto permanece e a qualidade de palavras inventadas ou a serem inventadas atinge o objeto apenas marginalmente” (GRESCHAT, 2005, p. 21). Somente com o fim do século XIX e o início da crise do positivismo é que os pressupostos epistemológicos dessa concepção de ciência da religião foram radicalmente questionados. E já no século XX, a religião não é um modo arcaico do pensamento científico, nem de qualquer outra empreitada secular que nós valorizamos atualmente: ela é um espaço distintivo da prática e da crença humanas que não pode ser reduzido a nenhum outro (FILORAMO; PRANDI, 1999).

Crawford (2005) traz um capítulo em sua obra, abordando sobre o futuro da religião, pois hoje em dia seria imprudente fazer um levantamento em contextos locais e generalizar para a situação global da religião, sendo que a religião é mais importante em certos países do que em outros. As diversas razões podendo justificar a situação atual: fato de as grandes Igrejas não conseguirem atrair as pessoas, a perda do sentido do sobrenatural e a capacidade da ciência de encontrar uma explicação natural para a maioria dos fenômenos. Assim, a religião é empurrada para a periferia da sociedade. As ideias sobre sagrado estão em declínio, as questões sociais e pessoais com as quais a religião se ocupava são hoje remetidas a assistentes sociais e psicólogos, e as instituições religiosas tradicionais estão em decadência e os jovens voltam-se para os novos movimentos religiosos e seus cultos. Porém, a religião tem sua maneira de revitalizar-se e surpreender os que pensavam que a modernidade iria entregá-la a uma morte prematura.

PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

A Psicologia da Religião, como corpo teórico da Psicologia, surge em 1986 nos Estados Unidos da América (EUA), com William James, sendo considerada como o estudo do comportamento religioso pela aplicação dos métodos e teorias dessa ciência a este fenômeno, quer pelo aspecto social, quer pelo aspecto individual. Nesse sentido, seu objeto de estudo não se refere à prova da existência ou inexistência de um ser ou de seres supramundanos nos quais se crê, nem se trata da defesa ou crítica de alguma religião ou expressão religiosa específica; antes, é o estudo científico, descritivo e objetivo do fenômeno religioso no que se refere ao comportamento humano – por excelência, o objeto e trabalho da Psicologia. Sendo inúmeros os grandes nomes da época que merecem ser ressaltados, William James, E. D. Starbuck, J. B. Pratt, Edward Ames, J. H. Leuba e G. Stanley Hall (RODRIGUES; GOMES, 2013).

Enquanto ciência, a Psicologia da Religião surge no século XIX, tendo a origem conjunta com a Psicologia Científica, quando esta emerge da Filosofia como método de aproximação e compreensão do ser humano, pretendendo objetividade na compreensão dos comportamentos e da subjetividade humana. Na segunda metade do século XX, Psicologia e Religião, no empenho de pesquisar e incorporar descobertas das Ciências Humanas impulsionaram pesquisas e desenvolveram o interesse acadêmico na Psicologia da Religião, resultando na existência de grande quantidade de contribuições da Psicologia para a compreensão do comportamento religioso e a religiosidade humana. Assim sendo, a Psicologia da Religião tem como finalidade observar, descrever, compreender, controlar e, ainda, se possível, prever o comportamento religioso humano por meio dos métodos desenvolvidos pelas diferentes abordagens da Psicologia enquanto ciência (RODRIGUES; GOMES, 2013).

Constata-se, no presente, um esforço para delimitar e caracterizar de maneira mais adequada o espaço da psicologia da religião dentro do campo maior, tanto da psicologia quanto das ciências da religião. E à medida que a psicologia da religião avança, o autor acreditando ser esse o motivo, ela ganha crescente lucidez sobre o que é ou o que deveria ser. A psicologia da religião vai percebendo que também lhe falta elaborar melhor certos conceitos básicos, como por exemplo o de “sagrado” ou quais seriam os parâmetros psicológicos para diferenciar validamente um comportamento religioso de um comportamento não religioso (VALLE, 2007).

Cabe ao psicólogo da religião sondar as motivações, os sentimentos, os desejos, as compreensões e as atitudes expressos nos comportamentos religiosos, uma vez que ele estuda como o homem se religa ao sagrado, como sua realidade espiritual se representa e se expressa nos limites de um determinado espaço e no tempo, pois seu objetivo é compreender dinamicamente a experiência e o comportamento religioso da pessoa que influencia de modo único o seu desenvolvimento e a sua vida (VALLE, 2007).

Porém, muitas outras definições foram usadas por um tempo e discutidas por muitos estudiosos. Algumas denominações dadas foram: “Psicologia Religiosa”

– um termo utilizado durante muito tempo, definido pelos psicólogos mais vizinhos à igreja, especialmente à Católica, adjetivando simplesmente o termo psicologia; “Psicologia da Espiritualidade”, em que a religião era um termo carregado de conotações históricas, institucionais, ideológicas e socioculturais ambíguas; “Psicologia e Religião”, denominação tida como a preposição conjuntiva acentuada dava autonomia para ambos, garantindo, assim, sua especificidade, e é a partir dessa independência que pode e deve ser travado o diálogo de um com o outro, um pouco como fazem a sociologia com a antropologia da religião; “Psicologia como Religião” – esta caracterização traz uma colaboração a partir de líderes religiosos que arrastam massas e estão apropriando-se de cultos multitudinários, de técnicas psicológicas e psicoterápicas de ajuda, embora se mantenha um linguajar religioso, sendo assim, exercendo papéis que são próprios dos psicólogos. É certo dizer que essas definições passaram por contratempos e adequações de acordo com a melhor proposta pelos estudiosos na área, como psicólogos, teólogos, filósofos, e dessa forma foram designadas para melhor definição a ser estabelecida, firmada (VALLE, 2007).

A forma como a psicologia da religião surgiu, apresentou-se e se estabeleceu em diversos países mostra toda essa diversidade que o fenômeno religioso carrega consigo. Deixando isso bem claro, Valle (2007) faz um passeio pelos distintos países como EUA, onde a trajetória inicial foi brilhante e ocupou por décadas um lugar central conceituado por alguns historiadores como o período de *Psychology of Religion Movement*; traço importante da psicologia da religião de língua inglesa é a aproximação entre a psicologia, sociologia e antropologia.

Já a Alemanha, a Suíça e a Áustria foram outro grande centro popular da Psicologia da Religião; na França, forte até meados de 1970, passando por alguns recuos e mudanças internas ocorridas no campo religioso, mas com obras e iniciativas marcantes. Valle faz menção à Espanha, sendo também afetada por um relativo inverno religioso, como o da França; a Itália, não desempenhou um papel saliente na história da Psicologia da Religião. Valle (2007) menciona que, no Brasil, necessita-se de uma busca mais rigorosa antes de ser submetida ao público, sendo considerada como um capítulo ainda em aberto, mas a psicologia da religião ganha espaço no cenário das ciências psicológicas brasileiras, em que livros e revistas trazem mais assuntos psicorreligiosos, que se têm multiplicado (VALLE, 2007).

Em outro momento, Valle (2007) faz um questionamento: como a psicologia da religião define a religião e/ou a religiosidade? Diante dessa questão de fundo, Clark (1958 *apud* VALLE, 2007) chegou a enumerar nada mais que 48 definições distintas ou quase definições, embora, para ele, talvez fosse mais correto dizer que em psicologia da religião não existe uma definição de religião.

Vergote (1969), como psicólogo, psicanalista, teólogo e filósofo, vê a religião como uma realidade ou fenômeno cultural, sempre mostrando seu interesse em estudar a religião do ponto de vista psicológico, definindo a religiosidade como um conjunto orientado e estruturado de sentimentos e pensamentos, pelos

quais o homem e a sociedade tomam consciência vital de seu ser íntimo e último e, simultaneamente, torna aí presente o poder divino (VERGOTE, 1969 *apud* VALLE, 2007). Já o estudioso Grom (1994 *apud* VALLE, 2007), traz sua definição curta e direta; para ele, é religioso tudo o que para os seres humanos encerra uma relação a algo que ultrapassa o humano, prescindindo-se dos modos concretos pelos quais o religioso pode ser concebido e experimentado.

Belzen (2013) também pontua o conflito entre Psicologia e Religião, as dificuldades para chegar a um acordo sobre sua definição de objeto, havendo enorme diversidade nas motivações, objetivos e dinâmicas dos comportamentos religiosos. Os grupos religiosos são marcados pela variedade de suas crenças e expressões, e os comportamentos se secularizam.

Sendo assim, a Psicologia e Religião experimentaram, em sua contribuição, todos esses aspectos e processos. Para o autor supracitado, a humanidade tenta esclarecer o problema do relacionamento entre o psiquismo e a religião. Belzen (2013) também pontua que a Psicologia da Religião, como disciplina pertencente ao grupo das ciências da psique, não tem como função propiciar direção espiritual a pessoas religiosas ou oferecer a elas um acompanhamento psicoterapêutico, nem mesmo tem como tarefa preferencial uma Psicologia Pastoral.

A Psicologia da Religião pode, isso sim, oferecer análises, referências e indicações úteis às preocupações mencionadas, mas sempre dentro dos limites de seu campo e competência próprios. O autor segue considerando suas contribuições, em que a Psicologia da Religião deve interrogar-se, e como atividades da psique humana – como o trabalhar, o comunicar-se, o amar e o ter prazer – manifestam-se e se desenvolvem na religiosidade humana.

Segundo Hock (2010), a Psicologia da Religião dedica-se à relação entre o indivíduo e a religião, partindo da constatação de que a religião tem seu lugar na experiência individual dos seres humanos. Sobre a história da pesquisa psicológico-religiosa, as raízes são muito profundas. O ser humano, ao refletir sobre si, inevitavelmente esbarra em perguntas que dizem respeito a aspectos psíquicos de sua vida. É pertinente mencionar Valle (2007, p. 124):

Como a própria psicologia, com suas numerosas teorias e metateorias, a psicologia da religião teve de aprender que não detém o monopólio do conhecimento sobre a religião e a religiosidade. Criada na tentativa de enquadrar o religioso pela via da racionalidade e da cientificidade, ela tomou consciência dos limites de seu instrumental ante a complexidade de seu objeto.

A religião tem também um lugar na vivência individual do ser humano, no âmbito da experiência religiosa e da prática religiosa, sendo isso trabalhado pela Psicologia da Religião, considerada uma disciplina com perguntas e métodos muito específicos e com uma história de desenvolvimento muito próprio. Nesse sentido, conforme Hock (2010), as questões psicológico-religiosas têm uma importância muito além da área da Psicologia da Religião no sentido mais es-

trito, deve-se levar em conta que o fator da religião, da mesma forma como, e vice-versa, a consideração da influência de disposições e processos psíquicos tem sua importância para a Ciência da Religião.

Para Greschat, onde há seres humanos, a religião está por perto. Por conseguinte, cientistas que investigam o ser humano, seja como indivíduo ou ser social, deparam-se também, mais cedo ou mais tarde, com o objeto religião. Enxergam-no apenas parcialmente através de janelas separadas que se abrem em diferentes direções, de acordo com as determinadas perspectivas das suas disciplinas. Arqueólogos refletem sobre a possível função de um item escavado. Historiadores reconstróem a religião de arcebispos. Historiadores da arte tentam interpretar o sentido de motivos religiosos nas pinturas. Pesquisadores de história da literatura estudam a importância da religião nas obras de autores nacionais ou estrangeiros. Sociólogos pesquisam o papel da religião na sociedade. Geógrafos interessam-se por formas de hábitat influenciadas pela religião. Desde sempre o trabalho de etnólogos tem de ver a religião como uma parte essencial de culturas estrangeiras. Psicólogos examinam transe, conversões e meditação. Médicos abordam a face patológica da religião. E juristas investigam aspectos criminosos da religião (GRESCHAT, 2005, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entender que a Psicologia é parte integrante das *Ciências* que compõem o espectro disciplinar para o estudo das Religiões, este trabalho buscou apresentar como esta ciência surge, apresenta-se e se estabelece como meio de estudo para o fenômeno religioso. Por meio deste estudo, percebe-se a importância da psicologia dentro das ciências da religião por aproximar e entender melhor o ser humano em todo o processo religioso. Assim, as Ciências das Religiões trazem grandes contribuições para a compreensão da Psicologia da Religião, seja em suas definições, seja em suas metodologias, seja até mesmo em suas perspectivas na condição de ciência.

Os aspectos emocionais da religião não podem ser ignorados e por isso os psicólogos têm-se debruçado sobre a experiência religiosa. Muitos psicólogos tratam a experiência religiosa como qualquer outra experiência humana e há autores religiosos que seguiram esse procedimento argumentando que se trata da experiência normal em profundidade. Os psicólogos tendem a ser céticos neste particular e explicam tais estados como condições psicológicas da mente. E este ceticismo aparece nas religiões. Mas hoje, há muito mais estudiosos voltados para a experiência mística que aparece em todas as religiões (CRAWFORD, 2005).

Há milênios, a humanidade tenta esclarecer o problema do relacionamento entre o psiquismo e a religião. Do ponto de vista da complexidade da “alma humana” em sua busca de sentido, não há por que se admirar que as ciências da religião e a psicologia da religião, em especial, encontrem dificuldades para chegar a um acordo sobre sua definição e seu objeto.

A Psicologia da Religião continuará a estudar as relações da religião e da religiosidade com os distúrbios mentais em geral. Entre a psicologia e a religião, há um vasto número de fenômenos a serem mais bem explorados e trabalhados, tendo em vista ser uma área ainda pouco explorada, porém cada vez mais importante e de interesse de psicólogos. Assim, para chegar a uma compreensão mais abrangente de seu objeto, deve, na medida do possível, aproximar-se dele por meio de confrontações e modelos teóricos transdisciplinares e multidisciplinares, sem renunciar a seu próprio prisma de análise e metodologia (VALLE, 2007).

Nesse mesmo contexto, Belzen (2013) também traz suas contribuições que conversam com as de Valle, em que ele cita que a Psicologia da Religião não está em si a serviço da religião, mas como um papel de colaboração. Hoje, tem consciência e aceita que, dentro dela, haja divergências e aproximações, e ela deva continuar sendo uma ciência em busca da própria verdade.

Realmente, mesmo diante de tantos conflitos, divergências em definições, em contextualizações a Psicologia da Religião veio como forma somatória para os estudos na área, tendo em vista se estabelece como importante, e não menos considerável, é que seja uma forma de contribuição e de grandes perspectivas. É hoje considerada uma área de interesse de grandes estudiosos que trabalham com o objetivo em compreendê-la para mostrar o quão importante é.

THE PSYCOLOGY OF RELIGION IN THE CONTEXT OF THE SCIENCES OF RELIGIONS: CHALLENGES AND CONTRIBUTIONS

Abstract: *this present article refers to the dialogue between the sciences of religions and the psychology of religion, aiming to understand the psychology of religion as one of the pillars of the sciences of religions, as it emerges and is constituted. To that end, it punctuates definitions and concepts about religion, about the sciences of religions and the psychology of religion, and also explains how it has been established in some countries. It also mentions names given to the Psychology of Religion in the viewpoint of psychologists, theologians, philosophers, and researchers interested in this prism. Above all, this is a research based on bibliographical reviews about fundamental authors such as Usarski, Filoramo, Prandi, Valle and Asad, who drew definitions and perspectives on Psychology in order to support all historical constitution and contextualization of the psychology of religion and religious sciences for a better understanding of their emergence.*

Keywords: *Psychology of Religion. Sciences of Religions. Challenges. Contributions.*

REFERÊNCIAS

ASAD, T. The construction of religion as an anthropological category.
In: ASAD, T. *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in*

Christianity and Islam. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1993. p. 27-54.

ASAD, T. A construção da religião como uma categoria antropológica. Tradução: Bruno Reinhardt; Eduardo Dullo. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010. Disponível em: http://sumarios.org/sites/default/files/pdfs/cadernos_de_campo_19_p263-284_2010.pdf Acesso em: 07 out. 2019.

BELZEN, J. Constituição histórica da Psicologia Científica da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*, São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p. 319-331.

CLARK, W. H. *The Psychology of religion: an introduction to religious experience and behavior*. New York, MacMillan, 1958.

COUTINHO, J. P. Religião e outros conceitos. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. XXIV. p. 171-193, 2012.

CRAWFORD, R. *O que é religião*. Tradução: Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CRUZ, E.; MORI, G. (org.). *Teologia e Ciências da Religião; a caminho da maioria acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FILORAMO, G.; PRANDI, C. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

GRESCHAT, H.-J. *O que é ciência da religião?* Tradução: Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

GROM, B. *Psicologia de la religión*. Barcelona: Herder, 1994.

HOCK, K. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

KANT, I. *Die Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft*. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 2004.

PAIVA, G. J. de. Psicologia: Reflexão e Crítica. *Ciência, Religião, Psicologia: Conhecimento e Comportamento*. Universidade de São Paulo, 2002, p. 561-567. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n3/a10v15n3.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

RODRIGUES, C. C. L.; GOMES, A. M. de A. Teorias Clássicas da Psicologia da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. p. 333-344.

SILVEIRA, E. S. *Como estudar as religiões: metodologias e estratégias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

TEIXEIRA, F. *A(s) Ciência (s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

USARSKI, F. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. 703 p.

VALLE, E. Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. *In: AMATUZZI, M. (org.). Psicologia e Espiritualidade.* São Paulo, Paulus, 2005. p. 83-107.

VALLE, E. A psicologia da religião. *In: USARSKI, F. O espectro disciplinar da ciência da religião.* São Paulo: Paulinas, 2007, p. 123-167.

VERGOTE, A. *Psicologia Religiosa.* Madrid, Taurus, 1969.

WIRTH, L. E. Religião e Epistemologias pós-coloniais. *In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (org.). Compêndio de Ciência da Religião.* São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. p. 133-134.